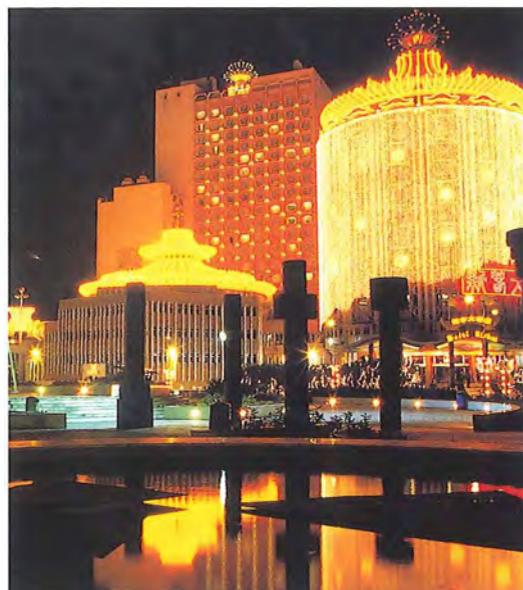


O Hotel Lisboa

Clara Ferreira Alves

O HOTEL É UMA ESPÉCIE DE PAGODE CIRCULAR, pintado de amarelo e branco como um bolo de anos. Em frente estacionam os últimos riquexós, sobre os quais desce a cabeça cansada do homem do riquexó, quase sempre um homem velho e de costas derrubadas, os ombros descaídos de muita vida e muito oriente, que não conhece férias nem descansos. O homem, com a máscara chinesa na cara, segue desinteressado o corrupio dos carros de vidros fumados e cerrados, os táxis de porta automática com estofos esfolados e temperaturas siberianas graças ao ar condicionado, as limusinas dos potentados, que são os apostadores máximos do Hotel Lisboa. O corrupio dos carros está associado ao corrupio dos jogadores, e o corrupio é incessante. O corrupio dos carros e a serenidade indiferente dos *coolies* dizem mais sobre a China do que mil livros de filosofia. Dizem, em primeiro lugar, que ninguém compreendeu o jogador, a obsessão e compulsão do jogador, até observar um chinês a jogar. No Hotel Lisboa, o casino entre casinos de Macau, a parada sobe à medida que se sobe de patamar. Nos salões de baixo, o proletariado chinês agarra as fichas com as garras e, sem mover um músculo do rosto, sem demonstrar o gosto do ganho ou o desgosto da perda, vai apostando com método, alguns com papelinhos rascunhados de esquemas e números, outras tantas fantasias, como se o casino pudesse ser derrotado. Todos os tratados de psiquiatria ocidental falhariam, e todos os Freuds vacilariam, se tivessem de explicar, à luz da psicanálise ou das falhas primordiais do ser humano, à luz do pecado original, a mania que o chinês tem pelo jogo. Assim, nos andares superiores do Lisboa, em salas privadas e protegidas por gorilas armados e de dura mandíbula, com as mãos plácidas cruzadas sobre as lapelas, os senhores das limusines, antítese dos homens do riquexó, arriscam cem mil dólares numa única aposta. Perdem, dobram, não param. Não cedem. A cara, como sempre, não mexe. Nenhum ocidental conseguiria escapar ileso a esta experiência. Em Macau, há

«E quando se acendem as luzes do Lisboa, que fica um bolo iluminado por velas à espera dos parabéns». Fotografia de Eduardo Grilo.



prestamistas mas não há, como à saída do casino de Monte Carlo, suicídios românticos, tiros disparados sobre a têmpora, afogados da beira-mar. É outra a têmpora chinesa. Nada do que lhes acontece parece afectá-los, deixar marca ou cicatriz. O homem do riquexó, pobre entre os pobres, vê desfilar o seu duplo antagónico, o rico entre os ricos. E os dois mundos, que quase se acotovelam na entrada engalanada do Hotel Lisboa, não se hostilizam nem se ignoram. A vida é como é. A imperial passividade, que induz nas feições uma espécie de beleza de estátuas, desenha-se ainda no rosto fino das prostitutas do Lisboa, aquisição suplementar de um vício para outro vício. De dia, o tal corrupio de carros de todas as cores, de noite, nos corredores, o corrupio de mulheres levadas para os quartos, na tradição de Macau de juntar o útil ao agradável, não se sabendo bem em qual desta duas categorias entra a mulher. As chinesinhas, quase todas com caras de meninas, e supõe-se que com anos de meninas contados pelos dedos de quatro mãos, descem como bandos de pássaros quando desce a noite sobre a cidade. E quando se acendem

as luzes do Lisboa, que fica um bolo iluminado por velas à espera dos parabéns. Uma luz crepuscular, antes do crepúsculo real, nunca abandona os corredores do hotel, perpetuamente mergulhados numa aliança de sombras e mármore, mármore verdes, castanhos, cremes, que impedem a passagem dos raios de sol a partir de qualquer esquina. E as esquinas são muitas, os corredores serpenteiam com movimentos de cobra caprichosa, seria preciso um manual de instruções para os percorrer sem engano ou extravio. Uma porta dá sobre a outra e a outra e a outra, na tradição infinita das caixinhas chinesas que se vão desvendando por se copiarem umas às outras. As meninas à venda, que são todas iguais umas às outras, nunca se enganam no caminho. De mãos dadas e passinho estreito, vestidas de seda ou de jeans, as meninas não sorriem nem se oferecem, óbvias. Se não fosse o número crescente de meninas, crescendo conforme cresce a noite, pensar-se-ia que passeavam nos corredores como quem passeia num jardim, com a inocência de crianças. As meninas, como os apostadores dos andares superiores, aparecem e desaparecem, num passe de mágica. Estão aqui e já não estão. Dentro das lojas do Hotel, tantas lojas como num bazar, os vendedores assistem à procição e ao corrupio com um fenda nos olhos e outra na boca. A imobilidade imperial. Um mundo inteiro desfila assim a coberto do dia e da noite no Hotel Lisboa. É um dos lugares mais misteriosos da terra, um lugar que nada tem a ver com Lisboa. Uma coisa não é o seu nome, e ainda bem. E os portugueses desembarcados de fresco em Macau não conseguiam subtrair-se aos encantos do Hotel, surripiando uma ficha das mais baratas, espiando as salas de entrada vedada, olhando de lado numa volúpia de lobo esfaimado as meninas de passinho leve e cabelo liso, e cabelo negro. No Lisboa, encontra-se tudo o que não se encontra em Lisboa. A perdição dos ocidentais nada tem a ver com a perdição dos orientais. Em Lisboa, o pecado mora ao lado. No Lisboa, o pecado não existe.